

OS DESAFIOS DA INCLUSÃO SOCIAL EM UMA NARRATIVA FEMININA

Marlene Barbosa de Freitas Reis ¹

Leonor Paniago Rocha ²

Rosely Ribeiro Lima ³

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a interiorização individual das estruturas sociais ressignificadas na memória de uma mulher cega, visando compreender os desafios da inclusão social. Nessa perspectiva, a pesquisa buscou, por meio de uma abordagem autobiográfica, refletir sobre as relações entre a história individual e a história social de uma professora cega, destacando o papel dinâmico da subjetividade na construção de processos revolucionários de inclusão. O problema de pesquisa concentrou-se na seguinte indagação: como se deu a construção da identidade de Vita (nome fictício) como mulher cega, assim como os desafios enfrentados ao decorrer de sua vida. A base teórica considera que a história social se manifesta em cada vivência humana, refletindo-se nos atos, sonhos e comportamentos individuais. A metodologia empregada é a pesquisa narrativa, utilizando a técnica de entrevista via *Google Meet*. A participante Vita, compartilhou sua vida desde a infância, revelando não apenas suas lembranças, mas também as percepções de seus familiares sobre sua trajetória como pessoa cega. Os resultados incluem contribuições tanto da ampliação de discussões mais profundas acerca dos processos inclusivos, bem como da formação profissional de professores diante das dificuldades identitárias e educacionais enfrentadas por pessoas com deficiência visual. Os conhecimentos trazidos por Vita nas suas narrativas destacam uma compreensão de mundo com claros posicionamentos políticos para a defesa da inclusão e do importante papel da mulher na formação humana, nas suas diferentes fases de desenvolvimento.

Palavras-chave: Pesquisa narrativa, Inclusão social, Narrativa feminina, Identidade.

INTRODUÇÃO

Destacamos que a adesão à abordagem (auto)biográfica neste trabalho é um ato político, pois buscamos refletir a interiorização individual das estruturas sociais ressignificadas na memória de uma mulher cega diante dos desafios da inclusão social. Nessa perspectiva, também intencionamos refletir sobre as relações entre a história individual e a história social de uma professora cega, mostrando o caráter dinâmico da subjetividade na construção de processos revolucionários de inclusão.

¹ Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás - UEG, marlenebfreis@gmail.com;

² Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Jataí - UFJ, leonor_rocha@ufj.edu.br;

³ Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Jataí - UFJ, roselylima@ufj.edu.br;

Consideramos que em cada vivência humana se manifesta uma história social, portanto, entendemos que “[...] nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual” (Ferrarotti, 1988, p. 26).

Diante dessa definição, nesta primeira parte deste texto construímos nossas reflexões em duas dimensões: a primeira apresenta a recuperação da memória individual e da memória feminina; a segunda busca vestígios na narrativa de uma mulher com cega diante das especificidades de processos inclusivos a respeito de suas experiências de vida, enunciando a partir daí algumas possibilidades para se pensar os processos de formação profissional de professoras. A voz solidária da Vita⁴ em processos de escuta reflexiva de sua história pessoal de formação e de trabalho nos oportuniza aprender sobre novos conhecimentos e compreensões de mundo, capazes de contribuir para a melhoria do exercício profissional diante de uma narrativa que ajuda a enfrentar as dificuldades atuais dos processos educativos, especialmente aqueles relacionados ao processo identitário.

METODOLOGIA

A pesquisa narrativa é uma abordagem metodológica na pesquisa qualitativa que explora as histórias ou narrativas contadas pelos sujeitos para entender como eles percebem, vivenciam e fazem sentido de suas vidas e do mundo ao seu redor. Ela é utilizada nas ciências sociais, educação, saúde, e em outros campos como uma ferramenta para captar as complexidades humanas que estatísticas e análises mais objetivas muitas vezes não conseguem revelar. A base teórica da pesquisa narrativa está ancorada na ideia de que os seres humanos são naturalmente narradores e que narrar é uma forma fundamental de pensamento. É por meio de narrativas que os sujeitos formam e expressam sua identidade e compreensão do mundo. As narrativas não são apenas registros de eventos, mas sim atos interpretativos que organizam e dão significado à experiência humana.

Em termos metodológicos, a pesquisa narrativa envolve a coleta de dados através de entrevistas profundas, autobiografias, diários ou qualquer outra forma de relato pessoal que permita ao sujeito expressar sua história de vida. Após a coleta, o pesquisador realiza uma análise cuidadosa destas narrativas, procurando padrões, temas, e estruturas que emergem dos relatos. Esta análise pode ser conduzida através de diferentes fragmentos teóricos.

⁴ nome fictício pela qual a denominamos.

A aplicação da pesquisa narrativa é particularmente rica em contextos onde as perspectivas individuais, experiências e significados são cruciais. Na educação, por exemplo, pode-se explorar como os professores narram suas experiências e desenvolvem sua identidade profissional ao longo da carreira.

Uma das principais vantagens da pesquisa narrativa é sua capacidade de oferecer uma compreensão profunda sobre as experiências humanas, revelando a multiplicidade de como os eventos são interpretados e internalizados pelos sujeitos. A interpretação das histórias requer uma reflexão cuidadosa sobre o poder das palavras e o impacto que o compartilhamento dessas histórias pode ter sobre os narradores. É uma abordagem valiosa para entender a condição humana. Ela permite uma exploração em profundidade das formas como as pessoas criam significados em suas vidas, oferecendo uma visão rica e complexa que vai além das capacidades de métodos de pesquisa mais quantitativos.

Na Educação Especial, muitos estudiosos (Glat, 1989; Glat, et.al 2004; Santos; Glat, 1999; Nogueira, 2002; Glat; Souza, 2004; Hass, 2013) vêm utilizando essa metodologia de pesquisa há muito tempo, dado ao fato de que ela “traz embutida, também, uma análise reflexiva, já que o sujeito ao relatar sua vida, não só descreve suas experiências e visão de mundo, como, inevitavelmente, identifica suas necessidades e dificuldades, bem como as estratégias de adaptação e superação de sua condição estigmatizada” (Glat, 2004, p. 235).

Neste texto, argumentamos que a Pesquisa Narrativa é, como outras formas de investigação, um meio de explorar e entender aspectos ocultos do mundo. Ela envolve questionar o que é considerado natural ou dado. O ato de pesquisar é guiado pela necessidade de descobrir o que o cotidiano esconde, de questionar hipóteses previamente formuladas pelo pesquisador, que podem ser refutadas ou confirmadas dentro de um determinado campo de análise (Thesing; Costas, 2017). A Pesquisa Narrativa se distingue significativamente dos outros tipos de pesquisa devido à sua abordagem das experiências como essencialmente narrativas, conforme apontado por Clandinin e Connelly (2015), que sugerem que as experiências educacionais devem ser examinadas através deste prisma.

Para eles Clandinin e Connelly (2015), a pesquisa narrativa é uma colaboração contínua entre pesquisador e participante, situada no tempo e espaço, interagindo com diversos contextos. Meihy (2005) observa que muitas teses e dissertações têm empregado histórias de vida como método de coleta de dados, demonstrando ser uma poderosa alternativa para a construção de conhecimento a partir do diálogo e colaboração, considerando as vivências e memórias dos indivíduos.

A importância das narrativas na pesquisa educacional tem sido destacada por pesquisadores como Nóvoa (1992), Zabalza (2004), e Galvão (2005), entre outros. Internacionalmente, trabalhos de autores como Huberman (1992) e Goodson (1992) sublinham a relevância da abordagem biográfica e das histórias de vida, mostrando como essas metodologias são aplicadas com rigor e contribuem significativamente para a educação.

Segundo Souza (2004), a narrativa permite uma autoanálise, portanto, as narrativas não só individualizam a experiência educacional, mas também situam essas experiências em contextos sociais e culturais mais amplos, permitindo uma compreensão abrangente dos processos de aprendizagem tanto no nível individual quanto social.

Nesse sentido, esclarecemos que foi por meio da pesquisa narrativa que coletamos os dados para essa nossa pesquisa. Depois de Vita ter aceito participar de nossa pesquisa, a entrevistamos via *google meet* e começamos com uma pergunta que a nós pareceu tão simples que foi: como foi (é) ser cega nessa sociedade. Quando dizemos como foi, estávamos tentando obter resposta que nos levasse a compreender como se deu a construção de sua identidade enquanto mulher e cega e como isso ainda estava sendo. Vita compreendeu nossa pergunta no mesmo sentido e começou a nos contar sobre sua vida desde sua tenra infância. Assim uma parte dessa narrativa não se deu pelas lembranças que ela tem, mas por aquilo que seus familiares dizem ter sido.

Foram uma hora e quinze minutos de narrativa, sem interrupções. O conteúdo transcrito somou catorze páginas e nelas a vida quase toda de uma mulher cega. Ao ouvi-la tivemos certeza que estávamos diante de uma história incrível e que carecia ser compartilhada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A memória de uma mulher com deficiência visual, diante dos desafios enfrentados na sua vida, ganha destaque neste trabalho, pois entendemos o seu importante papel de resistência ao sistema ideológico que marginalizou muitos anos a memória das minorias. Consideramos, conforme Bueno, Souza, Catani e Souza (1993, p. 305) que:

Esta tendência enfatiza desta forma o caráter político da memória, o fato de que a recuperação de memórias alternativas (contra-memória) coincide com a entrada na cena política de novos atores, trazendo em seu bojo críticas, perspectivas, reivindicações e valores, nem sempre controlados, por aqueles que de uma maneira ou outra abriram brechas para sua eclosão. Pois as interpretações que privilegiam o conflito e a construção reconhecem sua dívida a Halbwachs quando este estabeleceu a relação intrínseca entre memória e identidade.

Os conhecimentos trazidos por Vita nas suas narrativas destacam uma compreensão de mundo com claros posicionamentos políticos para a defesa da inclusão e do importante papel da mulher na formação humana, nas suas diferentes fases de desenvolvimento. Todavia, quando tratamos aqui a memória feminina, não estamos dizendo que existe uma dicotomia entre a diferença biológica de sexo, mas trazemos a condição feminina numa perspectiva histórica, mostrando a importância da reintegração da narrativa feminina ao conjunto da história da humanidade, pois,

Considerando-se a história feminina ao longo do século passado e até meados deste século, os vestígios e os dados — colhidos principalmente por pesquisadoras — evidenciaram diferentes modos e formas de registro das lembranças das mulheres, situados estritamente no que se convencionou nomear de “esfera do privado”, em oposição à do “público”, conceitos estes que se tornaram categorias de análise de ciências como a sociologia, a psicologia, a antropologia, a história (Sousa, Catani, Souza, Bueno, 1996, p. 64).

No passado, ou em retrocessos do presente, as vozes das mulheres eram, e atualmente ainda são mantidas na esfera privada ou silenciada, dependendo dos diferentes papéis sociais e considerando as categorias raça, classe, deficiência, etc. No momento atual elas lutam para ampliarem suas inserções na esfera pública desempenhando diversas funções no mercado de trabalho e dividindo importantes responsabilidades sociais. Assim, as diferentes fontes orais ou escritas atuais produzidas pelas mulheres apresentam múltiplas possibilidades de se pensar o contraditório, os estereótipos, os preconceitos, as funções sociais e a estrutura hegemônica de opressão.

A emergência das mulheres no cenário social se viabiliza à medida que escutamos o que elas têm a dizer, que façamos com que falem. Assim, recolher a sua palavra, os seus muitos modos de dizer, torna-se “um trabalho prioritário e a oralidade, o vetor privilegiado de sua história” (Sousa, Catani, Souza, Bueno, 1996, p. 63).

Ouvimos a narrativa de Vita de diferentes formas: na conversa virtual com as pesquisadoras, na leitura do texto transcrito e no retorno ao vídeo gravado. Foram momentos de escuta com importante sentimento de gratidão, pela oportunidade de aprender e refletir perante o lugar de fala da Vita, diante dessa sociedade de muitos silenciamentos de conhecimentos das pessoas com deficiência e de muitas outras minorias. Nesta oportunidade, podemos ampliar a voz da Vita para possibilidades de pensamentos plurais e para expandir a construção de debates mais inclusivos.

A narrativa dominante marcou o grupo das pessoas com deficiência para uma dimensão afônica simbólica. Um exemplo está na experiência da mãe de Vita, que não conseguiu superar

a força hegemônica que é reproduzida na área da saúde, em que os médicos não consideraram a deficiência identificada por ela na sua própria filha.

Ela conviveu até mesmo com o processo de negação, por parte das pessoas, até dos médicos, em relação a minha deficiência. Ela percebeu desde muito cedo que eu era cega. Ela conta que quando eu tinha três meses ela já tinha certeza que eu era cega, porque ela colocava algumas coisas no berço: bichinhos e coisas coloridas, coisas que chamam atenção das crianças e eu não respondia. Os próprios médicos diziam que eu não era cega, que o que eu tinha era estrabismo. Eles ficavam de um lado da sala no consultório e me chamava e eu ia correndo até eles. Mas eu ouvia a voz deles e de acordo com o lugar da voz eu ia ao encontro deles. Eu sempre fui uma criança muito ativa. Minha mãe me deixava experimentar as coisas e ficava atenta para eu não me machucar, mas não me impedia de fazer as coisas, brincar etc. Então foi muito sofrido para minha mãe porque eu cheguei a usar óculos até os cinco anos de idade, porque os médicos atestavam que eu tinha visão e ela precisou ser muito forte para provar que eu era cega e a partir daí buscar orientação sobre cegueira. Então até os meus 5 anos, meu pai, minha mãe e a minha família toda procuraram ter o máximo de cuidado em relação a mim, de não me privar de ser criança, mas eles não tinham conhecimento sobre a deficiência e não tinham apoio, por parte de ninguém que, pudesse auxiliar nesse sentido.

A alternativa criada pela mãe - sem voz - diante da negação da deficiência, assim, legitimando a exclusão, foi de permitir a Vita ser livre para crescer, a escolha mais revolucionária que poderiam oportunizar e potencializar no desenvolvimento dela. Neste momento, podemos dizer que surgiu um microcosmo de militância feminina construída pela mãe para a restituição da humanidade na diversidade de Vita, negada por muitos, especialmente diante dos profissionais que detêm o conhecimento científico.

A hierarquia de papéis é predominante diante dos especialistas que sabem a linguagem técnica das ciências e têm capacidades para comunicar e atuar em determinado campo. Mas, de outro lado, Moscovici (2003) nos apresenta que existem circulações de conhecimentos, que se consolidam em termos comuns, os universos consensuais, em que as pessoas não precisam ser peritas para falar sobre seres do mundo. As pessoas são livres para revelar seus pontos de vista, sobre qualquer conteúdo, expressando suas opiniões e constatações vivenciais. Compreender o universo consensual é entendê-lo como saberes que são estabelecidos por pessoas que não são especialistas, mas artífices que produzem vidas e “dão conta” das questões cotidianas.

Mesmo não conhecendo os saberes especializados das ciências médicas, a mãe de Vita já sabia pela experiência que era preciso considerar a marca da diferença na sua filha para traçar possibilidades futuras. É diante dessa narrativa que refletimos sobre o poder hegemônico dos saberes científicos que podem fomentar uma neutralidade científica que se afasta da identidade e da singularidade humana ecoando uma “única” voz de dominação, determinando ou negando

quem sabe e o que sabe. Assim, reforça as diferentes estruturas de opressão que privilegiam falas e vivências de certos grupos em detrimento de outros.

Recorremos a Ribeiro (2017) para pensar que as condições sociais que cercam a vida de uma pessoa se sobrepõem às experiências individuais dela, favorecendo ou invisibilizando os seus lugares de cidadania. Para esta filósofa feminista negra, é importante que possamos analisar os mecanismos que legitimam o poder existente, diante de diferentes categorias, como por exemplo, gênero, raça, classe, sexualidade e ampliamos para o sentido da deficiência. O reconhecimento da cidadania das pessoas com deficiência é urgente, perante essa nossa sociedade que silencia e subalterniza os saberes desse grupo e de suas famílias.

Para Ribeiro (2016, p. 101), é preciso pensar um novo marco civilizatório, buscando construir reflexões teórico-críticas que possam romper com a estrutura hegemônica de poder, diante do entendimento que “[...] não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras [...]”. Ribeiro (2016) fala sobre a importância de não se calar sobre os diferentes tipos de opressões, mostrando também possibilidades emancipatórias. Perante isto, podemos compreender o nível de opressão que se encontra a pessoa com deficiência, na invisibilidade e negação da sua existência, reproduzindo desigualdades sociais.

A memória recriada por Vita, destacando o microcosmo de militância da mãe, mostra a ancoragem de significações construídas perante a necessidade de resistência para se tornar e “ser humana livre”, gerando, conseqüentemente, constantes relatos sobre o importante papel dela na sua história, e além disto, sendo o elemento norteador principal para seu próprio projeto de vida, conseqüente e possivelmente, de profissão. Na narrativa:

Assim, eu acho que essa força que hoje eu tenho, veio da forma como minha mãe me ensinou a ser. Ela respeitava minhas vontades e o adulto em que eu me transformei tem muito daquela menina lá atrás que, meus pais orientou e deixou-me viver, apesar da deficiência com que nasceu.

Vita narra memórias recriadas de uma infância que forneceu uma sólida compreensão sobre o importante esforço contra hegemônico que precisa ser cunhado e fomentado para que as pessoas com deficiência possam romper barreiras de exclusão social.

Como eu nasci cega eu fui aprendendo criar formas de enxergar e essas são as formas que eu conheço. Então não sinto falta de outras formas de enxergar porque as que eu conheço são essas. Mas percebo que minha mãe viveu um certo luto com a minha falta de visão. Em um encontro que minha mãe e eu tivemos com o médico que me atendia quando eu era criança, ele, quando me viu, disse à minha mãe:

_ Olha aí que moça bonita que virou essa menina! Para que aquela choradeira quando ia ao meu consultório?

Então eu percebi que ela tinha chorado em minhas consultas, acho que esse choro se dava muito porque o médico não acreditava que eu era

cega e assim, não a ajudava e sua luta foi muito grande, porque ela tinha que convencer o próprio médico, já que a convivência dela comigo lhe dava a certeza que eu era cega.

Vita aprendeu que é preciso “convencer o próprio médico”, que é necessário posicionar no seu lugar de fala da pessoa com deficiência num dinâmico auto-engendramento, que os outros possam no seu lugar de fala também serem inclusivistas, que é urgente a construção de um novo marco civilizatório:

E é por isso, que eu valorizo tanto o termo pessoa com deficiência em detrimento de quaisquer outros termos, pois foi a partir da Lei Brasileira de Inclusão de 2015 que surgiu esse termo e ele apresenta a pessoa antes da deficiência. Não nega a deficiência, mas o fato de a pessoa vir antes, faz toda diferença. Porque primeiro somos pessoas.

É preciso que não apenas a lei possa garantir o direito da existência da pessoa com deficiência, mas também que possam ter acesso aos diferentes espaços sociais, que possam ser ouvidos, entendidos, respeitados, considerados, valorizados, admirados, especialmente, incluídos na sociedade. A narrativa (auto)biográfica, no sentido de reconstrução do passado, ajuda na compreensão do “eu” e do “outro”. Para Sousa, Catani, Souza e Bueno (1996, p. 316), “[...] falar de si pode restaurar o sentido de domínio de sua própria vida fazendo emergir seus alvos, da mesma forma que pode recuperar a integralidade de sua personalidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentarmos trechos das narrativas de Vita, valorizando a sua memória individual, também na condição feminina e com deficiência, buscamos possibilitar que ela possa ter fortalecido a fala do seu eu, a sua existência e a sua categoria de pessoa com deficiência, em que muitas outras pessoas ao longo dos processos históricos e sociais inculcaram o esquecimento e silenciamento de si.

A consciência clara de si colabora para a formação em desenvolvimento profissional desta e de tantas outras professoras com deficiência que vão garantindo os seus espaços de pertença social, após inúmeros micro e macrocosmos de militância feminina. O auto-engendramento permite compreender também o contexto em que se vive diante de outras realidades complexas; outrossim potencializa dizer sobre si e acerca de tantas outras questões que envolvem a existência da pessoa com deficiência.

Finamente, o confronto de interesses sociais legitimados pela luta de diferentes classes e categorias ganha reforço quando a pessoa entende sua posição, função, pertença e seu lugar no mundo.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Belmira Oliveira, CATANI, Denice Barbara, SOUSA, Cynthia Pereira de, SOUZA, Maria Cecília Cortez. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre formação de professores. **Psicologia USP**, vol. 4, nº 1/2, p. 299-318, São Paulo, 1993. Disponível em: <file:///C:/Users/rosel/Documents/ARTIGO%20LEONOR%20E%20RENATA/34482-Texto%20do%20artigo-40434-1-10-20120722%20doc%20C3%A4ncia,%20mem%20C3%B3ria%20e%20g%20C3%A4nero.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2020.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. rev. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.
- GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**. v. 11, n. 2, p. 327-345, maio/ago. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132005000200013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 07 mar. 2024.
- GLAT, R. **Somos Iguais a Vocês: Depoimentos de Mulheres com Deficiência Mental**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1989.
- GLAT, R.; SANTOS, R. da S.; PLETSCH, M. D.; NOGUEIRA, M. L. de L.; DUQUE, M. A. F. T. O método de história de vida na pesquisa em Educação Especial. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 10, n. 2, p. 235- 250, 2004.
- GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 63-78.
- HASS, C. **Narrativas e percursos escolares de jovens e adultos com deficiência: “Isto me lembra uma história!”**. Orientador: Cláudio Roberto Baptista. 2013. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/70601>. Acesso em: 07 mar. 2020.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 11-30.

SOUZA, E. C de. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores.** Orientadores: Maria Ornélia Silveira Marques e António Nóvoa. 2004. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10267>. Acesso em: 07 mar. 2024.

SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de; BUENO, Belmira Oliveira. Memória e autobiografia Formação de mulheres e formação de professoras. **Revista Brasileira de Educação**, nº 2, p.61-76, São Paulo, maio-agosto, 1996. Disponível em: <file:///C:/Users/rosel/Documents/ARTIGO%20LEONOR%20E%20RENATA/Memriaeautobiografia-1996.pdf>. Acesso em 02 de novembro de 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, n.24, v. 13, p.99 -104, SUR, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/rosel/Downloads/djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

THESING, M. L. C; COSTAS, F. A. T. A pesquisa em educação: aproximações iniciais. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. 3, p. 1839-1853, jul./set. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9644>. Acesso em: 27 mar. 2020.

ZABALZA, M. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Porto Alegre: ARTMED, 2004.